

As traições de Adolfo Caminha: Bom Crioulo e a “crioulização” do naturalismo

ABSTRACT: Adolfo Caminha's 1895 novel *Bom Crioulo*, about a sexual relationship between a freed black slave and a white, teenage sailor, has been described by critics as anything from a case study of degeneration theory to a foundational work of Brazilian gay literature. This article attempts to read the novel as a creole of European cultural borrowings, which are subverted and adapted to represent the Brazilian social context and create a “naturalised” version of Naturalism at the dawn of the First Republic. The series of cultural subversions strengthens the role of nurture over nature, allowing the former to work against the latter and thus, to an extent, attenuate the discourse of degeneration theory that made disastrous predictions for Brazil's future, echoing the later work of sociologist Sílvio Romero. In so doing, the article attempts to explain the perceived contradictions in the novel that seem to have given rise to such a wide range of critical responses.

KEYWORDS: race; queer; degeneration; Naturalism; Bom-Crioulo; Caminha

RESUMO: O romance de Adolfo Caminha de 1895, *Bom Crioulo*, a história de uma relação amorosa entre um ex-escravo negro e um grumete branco de quinze anos, foi descrito por alguns críticos como um estudo de caso das teorias de degeneração, e por outros como um texto fundador da literatura gay brasileira. Este artigo pretende ler o romance como um crioulo de empréstimos culturais europeus, os quais são subvertidos e adaptados para o contexto brasileiro para criar uma versão “naturalizada” do naturalismo na aurora da Primeira República. A série de subversões culturais fortalece o papel do meio ambiente perante a natureza, permitindo que trabalhe contra esta última, e atenuando, desta forma, o discurso das teorias de degeneração que faziam previsões desastrosas para o futuro do Brasil, fazendo eco da obra mais tardia do sociólogo Sílvio Romero. Entretanto, o artigo procura explicar as supostas contradições no romance que parecem ter provocado reações críticas tão diversas.

PALAVRAS-CHAVE: raça; queer; degeneração; naturalismo; Bom-Crioulo; Caminha

Publicado escandalosamente em 1895, *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, foi sucessivamente escarnecido, censurado,¹ quase esquecido, “redescoberto” nos últimos anos do século xx e, hoje em dia, ocupa finalmente um lugar no cânone da literatura brasileira, “se bem que não em pleno centro,”² sendo um dos livros mais lidos do naturalismo brasileiro. A crítica, porém, sobre esta “audácia do século xix,”³ a história de uma relação amorosa entre um ex-escravo negro e um rapaz branco de quinze anos, permanece consideravelmente dividida. No início, o romance foi amplamente condenado pelos críticos: Valentim Magalhães, por exemplo, descreveu-o como um “romance-pus” e “romance vômito.”⁴ Contudo, desde o aparecimento de uma tradução em inglês, publicada por Gay Sunshine Press nos anos noventa, com o subtítulo um tanto menos subtil de *The Black Man and the Cabin Boy*,⁵ o romance foi considerado por alguns como um “texto fundador da literatura gay brasileira.”⁶ Embora esta linha de pensamento pareça continuar, de certa forma, em algumas críticas mais contemporâneas, César Braga-Pinto chamou recentemente a atenção para a forma como o romance adota os princípios das teorias de degeneração, então correntes na Europa e nos círculos intelectuais do Brasil, lendo o romance convincentemente com a ciência do “homem delinquente” de Cesare Lombroso.⁷ Afirma que as práticas sexuais do protagonista fazem parte de uma constelação patológica de raça negra, libertinagem sexual, alcoolismo e criminalidade. É curioso, portanto, que um livro que descreve os prazeres sexuais da relação central como “contra a natureza,” reproduzindo todos os “estereótipos, prejuízos, e desinformação da época,”⁸ tenha levado a várias leituras que parecem celebrar a sua “abordagem surpreendentemente moderna de questões de raça, nacionalidade, género e sexualidade.”⁹ Como é que *Bom Crioulo* conseguiu sustentar leituras tão diversas como estas?

Neste artigo tentarei reconciliar estas reações críticas extraordinariamente dissonantes. Mais particularmente, proponho ler *Bom Crioulo* como uma reinterpretação subversiva de diversos estilos, modelos e tropos europeus, em que Caminha distorce e reconfigura o naturalismo e as teorias de degeneração para um contexto brasileiro radicalmente diferente em termos demográficos e económicos. O célebre autor e crítico Silviano Santiago, no seu ensaio sobre *O Primo Basílio* de Eça de Queirós, argumenta que,

Tanto em Portugal, quanto no Brasil, no século xix, a riqueza e o interesse da literatura não vem tanto de uma originalidade do modelo, do arcabouço abstrato ou dramático do romance ou do poema, mas da transgressão que se

cria a partir de um novo uso do modelo pedido de empréstimo à cultura dominante. Assim, a obra de arte se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira por parte do artista que surpreende o original nas suas limitações.¹⁰

Ler *Bom Crioulo* contra modelos pedidos de empréstimo, portanto, é descobrir as suas traições tentativas ao naturalismo e teorias de degeneração, mas é, também—e complementando o estudo de Braga-Pinto que compara *Bom Crioulo* com a obra de Lombroso—regressar à sua natureza literária. O autor opta, como veremos, por uma relação mais frouxa, poder-se-ia dizer jocosa, com o naturalismo, “canibalizando,” para usar o famoso termo de Oswaldo de Andrade,¹¹ uma série de estilos literários e mitologias culturais. Entre tais influências destacam-se o romance português de Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, cuja influência foi já comentada por vários críticos;¹² *Otelo* de Shakespeare, então popular nos teatros do Brasil;¹³ e o romantismo, o gótico e a mitologia cristã. Em vez de apenas chamar a atenção para estas influências, porém, proponho partir da descrição de Elizabeth Ginway do livro como um “híbrido cultural,”¹⁴ explorando as maneiras como o autor as manipula e modifica. Esta confluência de discursos, que se pode conceitualizar como a “crioulização” do naturalismo,¹⁵ embora não refute os princípios de degeneração, aponta sim para estratégias por meio das quais o seu discurso de inevitabilidade racial pode ser agravado, superado ou, enfim, limitado por algo exterior. Uma destas estratégias é a inserção de estilos contra-naturalistas para limitar a extensão do discurso cientifista e, desta forma, apontar para as suas insuficiências. Outra, como veremos no caso de *Otelo*, é realçar o papel que o meio, em vez da hereditariedade, pode desempenhar no destino do indivíduo, fazendo eco da obra mais tardia do influente sociólogo e teórico racial, Sílvio Romero, ao adoçar os prognósticos pessimistas do futuro do Brasil que haviam sido feitos com base na complexa composição racial da população. Tendo em conta que o país se tornou numa república e aboliu a escravatura apenas alguns anos antes da publicação do livro, estas preocupações sobre a futura viabilidade da nação acumulavam-se e tornavam-se particularmente urgentes. Como veremos, ao crioulizar as suas influências, *Bom Crioulo* tenta “naturalizar” o próprio naturalismo no Brasil na aurora da Primeira República, reproduzindo muitos dos prejuízos das teorias de degeneração mas também possibilitando a fuga a uma degeneração mais ampla, a nacional. No espaço que se abre entre o “modelo” e a “cópia”—o “entre-lugar” do discurso latino-americano, segundo Santiago—esperam encontrar-se as traições do autor que parecem ter permitido uma notável pluralidade de reações críticas.

Bom Crioulo conta a história de um escravo foragido nascido no Brasil, chamado Amaro, que trabalha como marinheiro numa velha corveta. Durante vários anos, prova-se um trabalhador exemplar, chegando a receber a alcunha de “Bom Crioulo” por parte dos colegas, sendo muito admirado pela sua figura de “homem robusto,” e submetendo-se sempre “à vontade superior” (26-7). O único sinal da sua propensão para comportamentos destrutivos, que se revela ao longo do romance, é o seu hábito de, “de longe em longe... se chafurdar em bebedeiras que o obrigavam a toda sorte de loucuras” (26). No início do romance, porém, apaixonou-se compulsivamente por Aleixo, um rapaz louro de quinze anos. A relação amorosa entre os dois, a princípio feliz para ambos, faz com que cedo aluguem um quarto nas águas-furtadas da Rua da Misericórdia, Rio de Janeiro, propriedade de uma corpulenta portuguesa de nome Carola Bunda. Carola é, supostamente, uma velha amiga de Amaro, agradecida por este lhe ter salvado a vida no passado. No entanto, passado um ano de amor e “gozo espiritual” (69), Amaro é obrigado a ir trabalhar para outro navio, no qual lhe é proibido ir a terra e onde é castigado brutalmente por qualquer infração às regras. Um dia foge do navio, mas começa a beber excessivamente e acaba por envolver-se numa briga com um português, depois da qual é castigado no navio e mantido preso no hospital para recuperar das feridas. Assim sendo, Amaro e Aleixo deixam de se ver durante meses, o que deixa Amaro ciumento e imaginando que Aleixo estará com outro homem. Embora esta ideia lhe ocorra, Aleixo, de facto, é seduzido pela própria Carola Bunda, que assim trai o seu “velho amigo” sem remorsos, sonhando e destruindo a desesperada carta de amor que Amaro escreve a Aleixo do hospital. Eventualmente, Amaro foge do hospital e regressa à Rua da Misericórdia, onde descobre a traição da amiga com o amante. Furioso, assassina Aleixo em plena luz do dia, o que, no final do romance, resulta de novo em encarceramento.

Apesar do que parece ser um convite ao leitor para que se identifique com Amaro, a linguagem utilizada revela uma história mais complexa. Como já vimos, o narrador descreve a relação “pederasta,” como é frequentemente chamada, como “contra a natureza,” reproduzindo as teorias de sexualidade sendo desenvolvidas, na altura, por figuras como Krafft-Ebing,¹⁶ e que tentaram estabelecer a “homossexualidade”— termo que o próprio movimento inventou— como uma anomalia patológica.¹⁷ Além disso, esta “patologia” juntava-se, em corpos “anormais,” a outras supostas “degenerações,” das quais a pele negra era colocada no primeiro plano.¹⁸ Estes seres patológicos estavam destinados a morrer no confronto com raças “superiores,” conforme o processo da seleção natural, sendo inelutavelmente

levados para o crime e a decadência moral.¹⁹ O estudo de Braga-Pinto sobre Bom Crioulo é particularmente propenso a demonstrar como o protagonista manifesta um conjunto destas “patologias,” chegando a afirmar que o livro é, inclusive, um “estudo de caso” das teorias de degeneração e em particular da antropologia criminosa de Lombroso.²⁰ O narrador descreve Amaro como um “sistema de músculos” e até uma “morbidez patológica” (25). É importante também lembrar o comentário de Robert Howes de que a relação central, sendo necessariamente não-generativa, permite que o autor evite contemplar a possibilidade da mestiçagem como forma de integrar o escravo libertado na nova república.²¹ Neste sentido, o surgimento, talvez surpreendente, de um protagonista homossexual serve para reforçar distinções estritas de raça. Desafiar a ortodoxia sexual por si só não parece ter sido a intenção do autor.

No entanto, ainda que o discurso de degeneração e criminalidade explique muito da caracterização em Bom Crioulo, deixando traços linguísticos consideráveis, há também sinais de que o autor não confia plenamente nele. Além da torção dos modelos literários de empréstimo na composição do livro, que iremos explorar ao longo deste artigo, importa mencionar duas observações de críticos que constituem um desafio à afirmação de Braga-Pinto de que o livro é um “estudo de caso” das teorias de degeneração. Em primeiro lugar, Howes aponta, de forma astuta, para o personagem de Herculano, o onanista com a alcunha de “Pingas,” escandalosamente apanhado no ato no início do livro, mas que no final aparece

outro, admiravelmente outro, o Herculano—gordo, rosado, o olhar vivo e brilhante, sem melancolia, nem sombra alguma de tristeza. Perdera a antiga palidez que lhe dava um arzinho pulha de coisa à toa, falava desempenado, alto, e ria, como uma criança, por ninharias.” (136)

Em vez de “degenerar,” como as teorias da sexualidade então proclamavam, o onanista surge rejuvenescido. Howes interpreta este pormenor como a rejeição, por parte do autor, das teorias mais extremas de degeneração.²² Contudo, a descrição da saúde de Herculano é particularmente enfática, empregando o assíndeto para aumentar o sentido de admiração, bem como palavras claramente opostas em significado àquelas associadas à degeneração (“rosado,” “vivo,” “brilhante”). Podemos mesmo detetar um grão de ironia na aparência gorducha de Herculano, a imagem de homem vivaz e bem alimentado. Será que este trecho se trata, ao invés, de uma risada por parte do autor perante as teorias que, não obstante, reproduz, que vem “surpreender o [modelo] original”? Caminha permite-se jogar

com o modelo de empréstimo, demonstrando, acima de tudo, uma certa independência de pensamento que a leitura de Braga-Pinto se arrisca a ignorar.

Esta independência de pensamento é demonstrada também por uma segunda observação crítica, desta vez de Celina Moreira de Mello, que revela “uma discrepância entre o que autor pensa de seu romance e o romance que de fato ele escreveu.”²³ Embora Caminha, no artigo que escreveu em defesa de Bom Crioulo depois das críticas que este provocara, descreva o seu protagonista como “um degenerado nato” com “tendências homossexuais,”²⁴ nunca faz uso deste termo no próprio romance. Mello talvez exagere ao afirmar que esta conspícua ausência léxica sugere que o autor argumenta “que amar uma pessoa do mesmo sexo não era um crime, mas um destino,”²⁵ mas é porém significativo que Caminha não pareça ter confiado neste termo pseudocientífico que, no entanto, bem conhecia. Mesmo considerando o facto de o termo não ser amplamente conhecido na altura, o autor ainda o reconheceu como um dos mais autoritários e aceitáveis aquando da crítica desta matéria. De facto, o escândalo que envolveu a publicação merece ser comentado, já que este ostentou diversas especulações sobre a sexualidade do autor.²⁶ Infelizmente, ainda recentemente, alguns críticos continuaram a especulação, o que acaba por reproduzir aquilo que Foucault identifica como “a vontade de saber,”²⁷ em que a sexualidade aparece como um reino misterioso que esconde verdades inacessíveis. De qualquer modo, parece justo presumir que a especulação não seria bem vinda por parte do autor, e que este se aproveitou do conhecimento da linguagem científica para atenuar tal especulação. É curioso, portanto, que pareça ter decidido restringir o uso do vocabulário “científico” no seu romance. Com efeito, o escândalo da publicação—que parece ter sido de dimensões consideravelmente maiores do que no caso do livro português de cariz mais claramente “patológico,” *O Barão de Lavos*²⁸—sugere que o autor ofendeu profundamente o pudor burguês. Ainda em 1950, Lúcia Miguel Pereira escreveu que o livro continha “certas cenas repulsivas.”²⁹ O escândalo ilustra também as restrições que os discursos correntes impunham ao autor, havendo também vários livros censurados à época.³⁰ Podemos deduzir, porém, que Caminha terá ponderado bastante sobre as teorias que lia antes de as reproduzir no romance, e que estava ainda disposto a adaptá-las e mesmo a jogar com elas.

É do aparente distanciamento crítico do autor, perante o discurso científico do naturalismo, que pretendemos partir à procura das suas traições. Com efeito, a imbricação de outros modelos que chegam a contrariar o naturalismo, e o modo com que estes são destorcidos, fazem parte de um processo em que o autor se

apropria das influências culturais europeias, avaliando-as e naturalizando-as no seu país. Diversos críticos já comentaram o aparecimento de outros estilos literários, em particular o gótico. Leonardo Mendes aponta para o papel deste em envolver a sexualidade num ar de mistério, como se reflete na descrição da velha corveta como “um grande morcego apocalíptico de asas abertas sobre o mar;” ou do sótão na Rua da Misericórdia, fechado durante a ausência de Amaro, ficando bolorento e com teias de aranha.³¹ Entretanto, parece que Caminha também se apropria do romantismo, utilizando a falácia patética, por exemplo, e incluindo um triângulo amoroso “fundador” (ou não-fundador, talvez) parecido com o de Iracema de José de Alencar, e que viremos a contemplar mais tarde. A mitologia cristã desempenha um papel significativo neste sentido. Uma noite, quando Amaro não consegue dormir no convés da corveta, fica a olhar as estrelas, imaginando-as “cantando o hino triunfal da ressurreição” (34), sugerindo este ato um novo começo. Mais tarde, quando a corveta segue em direção ao Rio, deseja que a viagem nunca mais acabe para poder estar sempre com Aleixo:

desejaria que a viagem se prolongasse indefinidamente, que a corveta não chegasse nunca mais, que o mar se alargasse de repente submergindo ilhas e continentes numacheiatremenda, eavelhanau, sóela, comoumacoisafantástica sobrevivesse ao cataclismo, ela somente, grandiosa e indestrutível ficasse flutuando, flutuando por toda a eternidade. (41, *itálicos meus*)

Existem claramente ressonâncias utópicas na eterna viagem da corveta,³² audíveis na repetição calma da palavra “flutuando,” e na aparência “grandiosa e indestrutível” da embarcação. Contudo, a metáfora da inundação faz lembrar claramente a arca de Noé, com a qual o mundo passou por uma purgação e que concluiu, importantemente, noutra novo começo. Tal como o “hino da ressurreição,” esta imagem harmoniza com as táticas fundadoras do triângulo amoroso do romantismo, e sublinha o modo em que Bom Crioulo se apresenta não apenas como um texto escrito no início de uma nova época na história da nação, mas como uma confluência de discursos que participa de forma ativa e produtiva na renegociação nacional.

A crioulização da degenerescência

Tendo salientado a pluralidade de estilos que o autor de Bom Crioulo sintetiza, vou agora finalmente explorar as subtis traições que surgem ao longo do processo. Prestar atenção a estas traições aos modelos europeus é também abandonar o

eurocentrismo, porque na Europa somos especialistas, como veremos, em nos reconhecermos no espelho, mas não necessariamente em ver como o próprio reflexo potencialmente escarnece de nós. Gostaria de começar com um modelo de empréstimo que já foi frequentemente comentado,³³ o de *Otelo*. Como Daniela Rhinow demonstra, *Otelo* era uma peça muito popular no Brasil de fim de século, fascinando tanto escritores (por exemplo Machado de Assis no famoso enredo de *Dom Casmurro*), como o público, com o que os críticos da altura, ligando a raça à violência, denominavam “paixões ocultas e selvagens” do herói.³⁴ Braga-Pinto argumenta que a referência ao herói de Shakespeare, neste contexto, serve para reforçar a degeneração do protagonista. Para este leitor, porém, e embora paralelismos entre o apaixonado Mouro de Veneza e o crioulo assassino do Rio sejam facilmente estabelecidos, existe uma diferença decisiva entre a peça e o romance. Em *Otelo*, Iago aproveita-se da hamartia do protagonista: o ciúme. Não há indicação nenhuma de que Desdemona tenha sido infiel, sendo a insinuação do adultério uma conspiração de Iago. Em *Bom Crioulo*, no entanto, a traição é facto, tornando-se um tema central, e sendo tentativamente oferecida como um fator — junto com a hereditariedade — potencialmente implicado no assassinato final.

Quando Amaro foge e começa a trabalhar pela primeira vez, acredita num futuro de contentamento e liberdade, “sonhando histórias de viagens” (33), e chegando, inclusive, a fazer imitações de barcos de madeira em antecipação à primeira embarcação. De facto, quando embarca pela primeira vez,

Parecia-lhe ouvir ainda na proa do transporte, como as últimas reminiscências de um sonho, a voz dos companheiros abraçando-o:
— Adeus, ó Bom Crioulo: sê feliz! (34)

As vozes dos companheiros, vagas, talvez sonhadas, desejam-lhe uma vida feliz, “abraçando-o” numa mostra de irmandade que faz lembrar a “camaradagem horizontal” e a “fraternidade” de Benedict Anderson,³⁵ com a qual a nação cria uma comunidade imaginada de que todos supostamente fazem parte. Da mesma forma, Amaro é levado a pensar que Carola Bunda é uma amiga que não julga pelas aparências:

[Carola] não se importava de cor e tão-pouco se importava com a classe ou profissão do sujeito. Marinheiro, soldado, embarcadiço, caixeiro de venda, tudo era a mesmíssima coisa: o tratamento que lhe fosse possível dar a um inquilino, dava-o do mesmo modo os outros. (64)

A pretensão de tratamento igualitário faz, evidentemente, eco da constituição liberal do Brasil que acabara de suplantiar o regime imperial. Deteta-se já, talvez, certa ironia no uso quase paradoxal do superlativo na palavra “mesmíssima.” Com efeito, Amaro é traído sistematicamente por estes ideais liberais. Em primeira instância, após a transferência para outro navio, Amaro não demora a perceber que a vida numa nau da qual não pode sair trata-se essencialmente de escravatura. “Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda parte...”, comenta, contrastando com a sua partida otimista no início da trama. Além disso, o facto de Amaro ser efetivamente preso no segundo navio cria as condições para as traições de Aleixo e Carola, excluindo o “escravo” do triângulo amoroso. Carola mostra-se particularmente cruel e calculadora, seduzindo Aleixo em pleno conhecimento da paixão do seu “amigo,” tentando prevenir qualquer comunicação entre os dois, destruindo a carta de amor daquele, e dissuadindo Aleixo de visitar Amaro no hospital. Apesar do seu pequeno manifesto liberal, descreve a carta apaixonada como “coisas de negro,” dizendo que “negro é raça do diabo” e “quem o conhecer que o compre,” aparentemente advogando a escravatura. Todas as promessas de comunidade e felicidade que alguma vez pudessem ter figurado na vida de Amaro, revelam-se agora falsas. Ginway descreve o triângulo amoroso como “exatamente o mesmo” de Otelo, sendo Amaro o Otelo, Carolina o Iago, e Aleixo a inocente Desdemona.³⁶ Porém, torna-se difícil afirmar que Aleixo seja “inocente,” quando este começa a desprezar Amaro por causa da sua baixa posição social, contemplando a possibilidade de encontrar um homem de maior influência, e chegando a pensar que está “sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... ora, não valia a pena!” (80). De facto, e ao contrário de Otelo, Aleixo acaba por confirmar, em vez de desmentir, todas as suspeitas do herói.

Ora, esta traição de Caminha na sua reprodução de Otelo tem o efeito de provocar simpatia para com o protagonista, o que permitiu, talvez, leituras que vêem o livro como “uma defesa eloquente” de Amaro,³⁷ ou mesmo dos direitos homossexuais.³⁸ Parece indubitável, pelo menos, que o autor está a convidar o leitor para olhar não apenas para os fatores hereditários, mas também os circunstanciais—uma série de traições—implicados na conclusão violenta do livro. De facto, só depois do seu primeiro castigo é que Amaro começa a mudar o “bom comportamento” com que ganha a sua alcunha, passando a tratar os superiores “com desdém” e “maldizendo-os na ausência” (39). Ao invés de ligar a aparente simpatia para com Amaro a uma defesa das práticas sexuais do protagonista, portanto, proponho a restituição da turpação do enredo de Otelo como principalmente

uma tentativa de apontar para o meio como componente integral da constelação de fatores que governam o destino do indivíduo.

O potencial do meio como agente transformador foi amplamente discutido tanto no Brasil como nos centros da cultura dominante no século XIX, como parte fundamental das teorias de raça, evolução e degeneração. Centrais ao debate estavam as teorias de Lamarck e Spencer, que destacavam o papel do meio em mudar as características hereditárias,³⁹ e as de Darwin, que, como sabemos, explicavam a evolução através da sobrevivência dos animais mais adaptados ao meio em que se encontravam.⁴⁰ Sílvio Romero, que tentou aplicar estas ideias à sociedade brasileira para ponderar a sua futura evolução, viu-se implicado no debate. As suas primeiras obras, escritas antes da publicação da sua História da literatura brasileira em 1888, realçam, sobretudo, a influência da hereditariedade, propondo a mestiçagem como a melhor maneira de salvar uma população que a “ciência” contemporânea alegara ser racialmente inferior e destinada a desvanecer-se.⁴¹ Foi esta proposta que abriu caminho para a política de branqueamento implementada entre 1877 e 1930. No entanto, como Eakin comenta, o próprio Romero mudou de rumo a partir de 1888, destacando cada vez mais “o poder transformador das forças sociais,”⁴² e advogando a educação da população para realizar o que chamou, já em 1880, “a conquista da inteligência sobre o fatalismo da natureza.”⁴³ Preso no movimento dialético entre as características hereditárias e a influência do meio, Romero nunca decidiu definitivamente qual era a melhor maneira de “salvar” a população, mas a sua inclinação tardia para a perspectiva lamarckiana permitiu que a importância do meio fosse seriamente considerada pelos intelectuais brasileiros como uma forma de luta, para usar a frase do próprio narrador de *Bom Crioulo*, “contra a natureza.”

Ora, sendo, como vimos, as relações amorosas em *Bom Crioulo* estéreis, Caminha contorna a hipótese da mestiçagem e permite que o meio se apresente como o principal agente capaz de lutar contra a natureza. Talvez sejam estas duas forças estruturantes, aparentemente opostas, que explicam as muito comentadas “contradições” da narrativa, e que Mello descreve como uma “ambiguidade tão feroz que quase destrói o romance.”⁴⁴ Desta forma, embora o protagonista seja apresentado aparentemente como o “degenerado nato,” somos também encorajados a contemplar, com a referência destorcida a Otelo, a questão de o assassinato ter ou não acontecido, tivesse o assassino não sido traído de forma tão elaborada. Assim visto, a possibilidade de identificação com Amaro, que é também afirmando justificadas as suspeitas acerca de Desdemona, faz parte de um

processo em que as supostas inevitabilidades da hereditariedade, desastrosas para o futuro da nação, são sub-repticiamente refutadas.

Mencionei no início deste artigo que um dos efeitos de “crioulizar” o discurso naturalista, com tais modificações como agora vimos, consiste em criar uma saída de uma “degeneração” nacional. A palavra “crioulo,” empregada no título e ao protagonista refere-se, no contexto do Brasil do século XIX, a uma pessoa de descendência africana nascida no Brasil e, de uma forma mais geral na época colonial, a um descendente de europeus, nascido e educado no ultramar.⁴⁵ O seu significado, portanto, passa por conceitos contraditórios de natureza e meio ambiente incluindo, importantemente, a educação. Permitir que esta última trabalhe contra a natureza, como acontece (ou mais especificamente, não acontece) no caso de Bom Crioulo, é também permitir que algo herdado se desenvolva sob as influências do meio ambiente ou culturais. Caminha concebe este processo de “naturalização” a vários níveis de composição literária. O protagonista é compelido a tentar reconciliar as suas características herdadas com o meio em que se encontra. A um nível mais alegórico, entretanto, a nova república é forçada a contemplar e acomodar (abismalmente, no final) o escravo libertado que herdou. Finalmente, o próprio romance “herda” o naturalismo como discurso estruturante e torna-o seu, torcendo-o, modificando-o, crioulizando-o, com efeito, de acordo com um meio socio-político radicalmente diferente. Neste “entre-lugar” entre o naturalismo europeu e o romance de Caminha, as condições são criadas para uma renegociação das teorias de degeneração que tornam viável uma futura nação.

O romance de formação deturpado

Se podemos, desta forma, modelar a estrutura literária e mesmo ideológica de Bom Crioulo como uma crioulização de discursos, queria agora ilustrar e aprofundar esta leitura ao considerar o triângulo amoroso central como “fundador” da nação, e que se pode comparar de forma (re)produtiva com o de Iracema, de José de Alencar. Como já vimos, o autor metaforiza a chegada de Amaro à sociedade “livre” como um novo começo bíblico, e o modo como o livro participa na reinvenção nacional da nova república torna-se uma parte integrante da “naturalização” do naturalismo. No romance de Alencar de 1865, uma “fantasia de mestiçagem americana e europeia,”⁴⁶ o triângulo amoroso envolve Martim, um colonizador português; o seu amigo pitiguara, Poti; e Iracema, uma tabajara por quem Martim se apaixona, e que morre depois de parir um filho.⁴⁷ O filho de Martim e Iracema integra, assim, o sangue do índio e do europeu, pelo menos

que baste para, segundo Maria Manuel Lisboa, “sustentar o estado do romance como um texto fundador, mas não o suficiente para assegurar, de forma viável, a continuação da linhagem que morreu com a mãe.”⁴⁸

Se compararmos este triângulo emocional com o de *Bom Crioulo*, existem várias alterações que distorcem a visão do futuro nacional. Em primeiro lugar, se o autor de *Iracema* mata, paradoxalmente, a linhagem índia para estabelecê-la como gérmen fundador da nação, o romance de *Caminha* mantém-na fora tanto do enredo como, por extensão, da história e do futuro da nação. Em vez do índio, aparece o crioulo, um falso libertos que efetivamente ainda é escravo, e cuja inclusão no romance permite que o autor retrate sua exclusão da nova sociedade, tornando visível, também, a sua conspícua ausência em *Iracema*. Com efeito, a ausência do escravo no romance de Alencar faz lembrar aquilo que Roberto Schwarz descreve como “ideias fora do lugar,”⁴⁹ onde o modelo europeu (o romantismo) é transposto em plena ignorância do contexto social do Brasil. Em *Bom Crioulo*, pelo contrário, a liberdade aparece não universal, nem oposta à escravatura, mas em cumplicidade com ela, uma vez que o discurso liberal se revela ser, como vimos, enganador por ocultar outros horrores. Entretanto, Carola Bunda, que, tal como *Iracema*, devia ser a mãe do triângulo, tratando Aleixo por “filho” sete vezes no romance, afigura-se como uma mãe monstruosa, a encarnação portuguesa de tudo o que *Iracema*, “virtuosamente,” não é: não-procriadora, não-protetora, cruel, conspiratória e manhosa. Quando a mãe fundadora é índia, portanto, pode ser culturalmente sublimada, angélica, procriadora—e por fim morta—mas se for portuguesa, assume a forma contrária, a sedutora responsável pelo pecado original. Podemos atribuir esta inversão na representação da mãe, portanto, não só à misoginia corrente, mas também àquilo que Nelson Vieira identifica como “uma lusofobia crescente” na segunda metade do século XIX, reforçada pelo facto de os portugueses continuarem a explorar a ex-colónia.⁵⁰ É neste sentido que outro apelido no romance—o de Carola—adquire um significado admiravelmente complexo: além de se referir às nádegas volumosas, que sugerem uma sensualidade perigosa tipicamente atribuída aos colonizados, faz lembrar a expressão “falar bundo” (popularmente, “linguagem incorreta”).⁵¹ Ao contrário do crioulo naturalizado, a Carola Bunda torna-se estrangeirada, invasiva até, sexualmente ameaçadora e estéril, o oposto, enfim, da mãe procriadora índia de *Iracema*.

Ora, em *Bom Crioulo*, a distorção do triângulo amoroso de *Iracema* consiste numa re-imaginação significativa do possível futuro da nação. No triângulo estéril de *Caminha*, a presença europeia (Carola) não tem nada a oferecer à nação a

não ser uma contínua exploração alheia. O escravo libertado, entretanto, não consegue integrar-se, seguindo o seu caminho patológico e auto-destrutivo, devido pelo menos parcialmente ao facto de a sua “liberdade” se revelar ser falsa. O pobre Aleixo, o brasileiro de classe baixa, paga, por fim, as consequências trágicas de não conseguir livrar-se de forma adequada das antigas instituições, mais precisamente daquelas que as grandes mudanças do século haviam prometido repudiar: o colonialismo (Carola, pela qual se deixa seduzir) e a escravatura (Amaro), sendo Amaro o seu protetor e educador, a quem porém abandona friamente quando deixa de lhe ser útil, e quem regressa para assassiná-lo num retorno psicanalítico do recalcado. Como Ginway sugere, Bom Crioulo retrata um “impasse cultural” na composição do Brasil.⁵² De facto, os elementos demográficos herdados não resultam em qualquer forma de progresso. Mas curiosamente, ao aparentemente afogar a fecundidade do triângulo amoroso “fundador” de Iracema com a inclusão de um ex-escravo “pederasta” e uma portuguesa exploradora, Caminha restitui outra fecundidade, a da criouliização, em que o jogo com o modelo de empréstimo—colocando a escravatura e a exploração internacional no centro da ribalta em vez de nos bastidores—obriga o leitor a contemplar como o meio dos elementos herdados reforça o impasse cultural, exigindo outro discurso crioulo. Mais uma vez, é no meio, e não na raça, que encontramos rumo a seguir, por via de ideias que se adaptam ao lugar, não o lugar às ideias.⁵³

O diálogo com O Barão de Lavos

Gostava, agora, de explorar uma última “traição” de Adolfo Caminha, desta vez na sua reiteração do romance português de 1891 de Abel Botelho, O Barão de Lavos. Diversos críticos já apontaram para as semelhanças entre os dois livros,⁵⁴ e Caminha até chega a mencionar o romance de Botelho na sua defesa de Bom Crioulo.⁵⁵ Sendo geralmente reconhecido que o livro de Caminha se apresenta como menos moralista, convidando o leitor à reflexão,⁵⁶ o que aliás é sugerido pelo facto de Bom Crioulo ter provocado um escândalo bastante maior que Lavos, queria, de novo, apontar para as trações específicas que crioulizam o discurso de Lavos e que reformulam, em Bom Crioulo, o futuro da nação brasileira. O Barão de Lavos conta a história de um aristocrata “degenerado,” Dom Sebastião de Lavos, que se apaixona loucamente por um pobre rapaz adolescente, Eugénio. Os amantes encontram-se clandestinamente num apartamento que Sebastião aluga em nome de Eugénio no Bairro Alto, em Lisboa, Eugénio adquirindo gradualmente papel dominante na relação, exigindo cada vez mais luxos e dinheiro por parte

de Sebastião. Eventualmente, Sebastião apresenta Eugénio ao seu círculo de amigos, convidando-o para jantar em sua casa, ocasião que aliás inclui a sua esposa, Elvira. Complicando o enredo, Elvira apaixona-se também por Eugénio, criando um bizarro triângulo amoroso em que Eugénio mantém relações com ambos sem que eles saibam. Tornando-se cada vez mais influente na casa de Sebastião, Eugénio acaba por arruinar o Barão. Este contrai sífilis—a manifestação física de uma “doença” psicológica—e no final, após anos de viver desfigurado e arruinado, é morto na Avenida da Liberdade por um grupo de jovens criminosos desconhecidos. O romance faz parte de uma série intitulada “Patologia Social,” em que o narrador assume a autoridade de um médico, e chega a ser, de facto, um estudo de casos de teorias de degeneração, com uma explosão de patologias revestidas de terminologia pseudocientífica.⁵⁷ Como Howes nos diz, o livro “é controlado pelos princípios da teoria de degeneração na sua forma lombrosiana mais extrema.”⁵⁸

A pederastia, e o triângulo amoroso de sucessivas traições são, por conseguinte, elementos comuns a ambos os romances, mas os seus discursos (e mesmo protagonistas) apresentam claramente compleições diferentes. Não pretendo afirmar que O Barão de Lavos não apresente as suas próprias traições, visto o suposto “objetivismo” do narrador-médico tratar, com clarividência, de uma fantasia, e existem vários momentos em que o discurso se sabotava a si mesmo, resultando no aparecimento imprevisto de outras subjetividades.⁵⁹ Contudo, se compararmos a estrutura narrativa dos dois romances, podemos detetar em Bom Crioulo um afrouxamento das linhas discursivas que distanciam as subjetividades da narrativa. N’O Barão de Lavos, Botelho aproveita-se de discurso indireto livre para relatar os pensamentos interiores de Sebastião, sendo estes extraordinariamente transgressivos vis-à-vis à perspectiva do narrador-médico, chegando mesmo a contrariar o próprio modelo científico.⁶⁰ Mesmo assim, a voz do médico reaparece sempre e, ademais, com a sua autoridade—até certo ponto, como tenho dito—confirmada pela ilustração da perspectiva “torpe.” O vai-e-vem torturado de perspectivas faz lembrar o conceito bakhtiniano da narrativa monológica, em que os personagens de um romance existem apenas para representar e confirmar a ideologia do autor.⁶¹ Podemos ver traços desta lógica também em Bom Crioulo, sendo os pensamentos dos personagens relatados em discurso indireto livre, e muitas vezes “contra a natureza” da narração. Por exemplo, quando Amaro pensa em desistir de tentar ver Aleixo, diz para consigo, “Abandoná-lo, porquê? Porque era negro, porque fora escravo? Tão bom era ele como o imperador!...” (135). A sua forte convicção de que o seu sangue não é pior do que o do

imperador contrasta claramente com a do narrador, que descreve Amaro como sofrendo de uma “morbidez patológica.”

No entanto, o narrador de Bom Crioulo é muito menos consistente nas suas descrições do protagonista. Embora, em Lavos, o médico insista em descrever as relações amorosas do Barão variamente como “abominações,” “andromania” e “neuropatia,” em Bom Crioulo, aparecem também palavras para descrever o amor que fazem eco daquelas que o próprio protagonista utiliza em discurso indireto livre. Aleixo, a título de exemplo, no início da relação, traz “a alma na perpétua alegria dos que não têm cuidados” (70), sugerindo a felicidade do primeiro amor.⁶² No paraíso do seu quarto de sótão, os dois são representados como um casal ideal:

Ficavam em ceroulas, ele e o negro, espojavam-se à vontade na velha cama de lona, muito fresca pelo calor, a garrafa de aguardente ali perto, sozinhos numa independência absoluta, rindo e conversando à larga sem que ninguém os fosse perturbar—volta na chave por via de dúvidas... (71)

Os pormenores do narrador, como a velha cama que, em vez de refletir as “degenerações” do casal, se torna “muito fresca pelo calor,” cria outra vez um ambiente utópico protegido pela porta trancada, resistindo, como o onanista Herculano, ao discurso da patologia. O carácter diminutivo de “sozinhos” sugere uma atitude carinhosa por parte do narrador, aparentemente ausente nos trechos mais abertamente naturalistas. Da mesma forma, na fase lua-de-mel da relação, o narrador descreve os três personagens principais “como uma pequena família, não tinham segredos entre si, estimavam-se mutuamente” (73), linguagem em tudo antitética a qualquer terminologia de atos “contra a natureza.” Há até uma simplicidade no assíndeto da fraseologia, e o adjetivo “pequena” aproxima-se novamente do carinho. N’O Barão de Lavos, o narrador descreve o triângulo amoroso de Sebastião como “a desamparada ruína do seu nome” (312), o desfazer, em vez de uma tentativa formação, de uma família. Enquanto o médico de Lavos, abandonando o discurso indirecto livre, se mostra incapaz de representar o amor “pederasta” de Sebastião a não ser como uma corrupção do amor heterossexual, Adolfo Caminha permite, de quando a quando, que a linguagem contra-cientista se dissemine pelo discurso do narrador, enfraquecendo definitivamente o cordão sanitário que separa as “degenerações” do protagonista do leitor burguês. Como as línguas crioulas, a narração joga com os discursos pedidos de empréstimo para criar uma versão em que distinções antigas são perdidas e novas conexões são feitas. Com efeito, enquanto Lavos retrata o fim de uma velha família

aristocrata, excluída da sociedade pela nova ciência da burguesia, desse modo aplacando os temores do leitor burguês,⁶³ Caminha tenta abrir um espaço para o novo cidadão, o escravo liberto, que precisa de ser incorporado na comunidade nacional. É através da criouliização de discursos que o leitor é obrigado a ouvir a voz daquilo que Lopes-Júnior descreve como uma “subjectividade outra.”⁶⁴ Aquilo que certos críticos, portanto, interpretaram como contradições na narração que chegam quase a destruí-la,⁶⁵ pode ser lido, pelo contrário, como um universo de trações altamente produtivas que procuram um novo discurso fecundo capaz de incorporar novas vozes.

Para concluir, consideremos um trecho de *Bom Crioulo* que demonstra de forma particularmente eficaz esta criouliização adaptada às novas realidades sociais. Referimo-nos aos três parágrafos que detalham o castigo violento de Amaro após a briga com o português:

E, como da outra vez, Bom Crioulo emudeceu profundamente sob os golpes da chibata. Apanhou calado, retorcendo-se a cada golpe na dor imensa que o cortava d’alto a baixo, como se todo ele fosse uma grande chaga aberta, viva e cruenta..... Morria-lhe na garganta um grunhido estertoroso e imperceptível, cheio de angústia, comprimido e seco; dilatavam-se-lhe os músculos da face em contrações galvânicas; o sangue, convulsionado, rugia dentro, nas artérias, no coração, no íntimo da sua natureza física, palpitante, caudaloso, numa pletora descomunal!

Ele sofria tudo com aquele orgulho selvagem de animal ferido, que se não pode vingar porque está preso, e que morre sem um gemido, com o olhar aceso em cólera impotente!

Errava na luz intensa do meio-dia uma tristeza vaga e universal. Lá de fora, da barra, vinha, encrespando a água, um arzinho fresco impregnado de maresia. A cidade, em anfiteatro, cintilava entre montanhas na lânguida apatia daquela hora calma. O vulto do couraçado, largo e imóvel no meio da baía, com o seu enorme aríete, com a sua cobertura de lona, resplandecia destacado, longe dos outros navios, longe de terra, fantástico, arquitetural! (105-6)

Este excerto é notável pela sua fusão perfeita de estilos literários. Por um lado, as convulsões, cóleras e “contrações galvânicas” de Amaro poderiam ser tiradas diretamente de um compêndio médico contemporâneo e criam uma perspectiva aparentemente naturalista e patológica. Não obstante, o estilo torna-se cada vez mais “literário” ao longo do trecho, com os fenómenos científicos dando lugar a

imagens mais evocativas. O segundo parágrafo metaforiza o castigo, comparando Amaro a um animal ferido: trata-se ainda aqui, certamente, da linguagem do naturalismo, mas já não tão patológica. Por fim, quando a narração opta por uma descrição panorâmica no último parágrafo, o leitor é presenteado com uma imagem de modernidade—a cidade e o couraçado—mas vestida de uma terminologia curiosamente romântica. O enorme couraçado fica imóvel na baía idílica do Rio de Janeiro, envolvido por “um arzinho fresco.” Mesmo a cidade, desde sempre objeto de fascínio dos naturalistas, não cresce e a apodrece como um organismo, sobolhar quase obsessivamente pormenorizado à moda de Zola, mas brilha entre as montanhas sob o sol do meio-dia. Entretanto, Caminha desenvolve um ritmo particular ao longo do trecho. O assíndeto na última frase do primeiro parágrafo cria uma tensão, uma falta de ar, que se reproduz nos parágrafos seguintes, e que termina invariavelmente em pontos de exclamação. Na frase final, a repetição de “com” e “longe” aumenta significativamente esta tensão. Este ritmo, que atinge o seu clímax nos repetidos pontos de exclamação, evoca a sensação de um cântico, um encantamento, ou mesmo um poema épico.⁶⁶ Ora, por que razão Caminha justapõe a linguagem patológica com o ritmo e o estilo de um encantamento? Os dois discursos são claramente opostos no campo ideológico. A inclusão de modelos de empréstimo aparentemente opostos ao naturalismo, aponta para uma insuficiência no discurso naturalista e patológico na descrição do castigo de Amaro, sendo este castigo, também, uma das imagens mais duradouras e traumáticas da escravatura. Desta forma, ao crioulizar o discurso naturalista, Caminha permite uma representação naturalizada, nem indígena nem apenas importada, do seu país, país que enfrentou o escritor naturalista com um objeto de estudo muito diferente daqueles de Zola ou Eça de Queirós.

A palavra crioulo vem do latim “creare” (criar), ressonâncias surpreendentemente generativas, talvez, para um romance descrito pelos críticos como “um estudo de caso” das teorias de degeneração e no qual ninguém tem filhos. É este potencial generativo da crioulização, porém, que o autor de *Bom Crioulo* astutamente explora, fundindo o discurso naturalista com outros estilos literários importados, aparentemente contraditórios, para criar um texto verdadeiramente único que procura representar o contexto social do Brasil. Esta crioulização literária paraleliza também com o processo por meio do qual o escravo libertado, natural mas não nativo do Brasil, luta por um lugar na nova república. Ao apropriar-se do naturalismo, e ao ajustá-lo para contar com as realidades sociais do Brasil, Caminha estabelece limites na influência das teorias de degeneração,

permitindo que o meio trabalhe contra as implicações pessimistas da herança biológica nacional, e fazendo eco da obra mais tardia de Sílvio Romero. No mesmo passo, inclui uma relação “pederasta” que tem o efeito de contornar a outra hipótese oriunda do conceito da degeneração nacional, a da mestiçagem. É esta inclusão, a par com a simpatia que somos encorajados a sentir para com o protagonista, que parece ter levado alguns críticos a arguir que o romance se trata, acima de tudo, de uma apologia dos direitos homossexuais. Ao contrário, proponho agora quem Caminha pretende resgatar do estigma da degeneração é não o homossexual mas sim a nação. Tanto assim, espero ter demonstrado como as supostas “contradições” narrativas de Bom Crioulo podem ser lidas não como tortuosidades narrativas por parte de um autor que pairava indeciso sobre uma biblioteca europeia de cultura, chegando quase a destruir o romance, mas como traições aos próprios modelos reivindicados de empréstimo, traições essas produtivas, criativas, e procurando ideias certas para o lugar em que se encontram. Com efeito, se seguirmos a hipótese da criouliização, é possível sintetizar muitas observações críticas que podem parecer contraditórias à primeira vista.

Talvez verdadeira dimensão queer de Bom Crioulo, portanto, não seja a relação central pederasta, mas a recusa de qualquer adesão fiel à doutrina corrente e aos discursos hegemónicos da altura,⁶⁷ o que revela, também, um autor altamente crítico daquilo que lia e igualmente consciente da condição do brasileiro intelectual forçado a pedir empréstimos culturais à Europa, figura analisada de forma perspicaz no século xx por Roberto Schwarz. Neste sentido, é uma pena, para este leitor, que Bom Crioulo não tenha o mesmo reconhecimento no cânone brasileiro que Iracema. Porque embora o muito-escarnecido discurso de degeneração apareça de forma significativa em Bom Crioulo, como Silviano Santiago aponta, o verdadeiro valor da literatura lusófona consiste precisamente no modo como o autor lida com a obrigação de invocar e deliberadamente deturpar os discursos dos centros de dominância cultural europeus. Em Bom Crioulo, nenhum destes discursos se mostra completo em si. O naturalismo, para ter sucesso no Brasil, e assim como os seus escravos libertados, precisa de ser naturalizado e assimilado. Só então pode começar a contemplar as complexidades sócio-económicas da nova república, e abrir caminho para um futuro nacional surpreendentemente fecundo.

notes

1. Veja Howes, Robert, "Race and Transgressive Sexuality in Adolfo Caminha's Bom-Crioulo", *Luso-Brazilian Review*, Vol 38, nº1 (Verão 2001), pp. 41-6.
2. Braga-Pinto, César, "Othello's Pathologies: Reading Adolfo Caminha with Lombroso", *Comparative Literature* 66:2, Duke University Press (2014), pp. 149-171, p. 151. Traduções minhas.
3. Nota do editor em Caminha, Adolfo, *Bom Crioulo* (Lisboa: Sistema Solar, 2014). As referências de páginas, doravante, remetem a esta edição.
4. Citado por Howes, p. 43.
5. Veja Bom-Crioulo: *The Black Man and the Cabin Boy*, traduzido por E. A. Lacey (San Francisco: Gay Sunshine Press, 1994). Cristiano Mazzei identifica várias estratégias na tradução inglesa, de 1994, que reorientam o romance para atrair um público gay nos Estados Unidos, reforçando o elemento "exótico" e, ao mesmo tempo, afrouxando a linguagem pejorativa em relação ao que o narrador chama "pederastia". A leitura de Mazzei aponta assim para a necessidade de enquadrar o livro nos discursos contemporâneos (em que o conceito da (homo)sexualidade ainda estava em processo de formação), e não nos atuais, tarefa que pretendemos assumir neste artigo. Veja Mazzei, Cristiano, "How Adolfo Caminha's Bom-Crioulo Was 'Outed' through its Translated Paratext", *A Companion to Translation Studies*, Editado por Sandra Bermann e Catherine Porter (Chichester: John Wiley and Sons), pp. 310-322.
6. Veja Foster, David W. "Adolfo Caminha's Bom-Crioulo: A Founding Text of Brazilian Gay Literature" em *Gay and Lesbian Themes in Latin American Writing* (Austin: University of Texas P, 1991).
7. Braga-Pinto.
8. White, David, Crítica da tradução inglesa de Bom Crioulo por Gay Sunshine Press, em *Library Journal*, Vol. 107, 1 de Outubro de 1982.
9. Howes, p. 41.
10. Santiago, Silvano, *Umaliteraturanostrópicas: ensaios sobre dependência cultural* (São Paulo: Editora Perpsectiva, 1978), p. 58.
11. Veja Andrade, Oswald de, "Manifesto Antropófago". <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> (acedido 21/03/16).
12. Veja, por exemplo, Howes, pp. 52-7.
13. Rhinow citado por Braga-Pinto, p. 168.
14. Ginway, Elizabeth, "Nation Building and Heroic Undoing: Myth and Ideology in Bom-Crioulo", *Modern Language Studies*, Vol. 28 (Outono de 1998), pp. 41-56, p. 52.
15. Emprego a palavra "crioulização" com referência ao seu significado no campo da linguística, nomeadamente a formação de uma "língua, originada pelo contacto de uma língua europeia com a língua nativa de uma região, que se tornou língua materna de uma

comunidade". Veja <http://www.priberam.pt/dlpo/crioulo> (acedido 02/09/16). Embora o conceito implique, neste caso, uma certa "canibiliação", no sentido de ingerir e re-trabalhar produtos culturais importados, utilizo a palavra "crioulização" porque destaca o processo de contacto transatlântico e "corrupção" cultural, bem como o desenvolvimento de um idioma próprio.

16. Veja Krafft-Ebing, Richard, *Psychopathia Sexualis* [1886] (Charleston, S.C.: Nabu Press, 2010) para um dos textos mais característicos das teorias de degeneração aplicadas à sexualidade.

17. Veja Foucault, *The History of Sexuality*, traduzido por Robert Hurley, 3 vols (Londres: Random House, 1979), I: *The Will to Know*, para o estudo clássico sobre a invenção do conceito da (homos)sexualidade pela psiquiatria e medicina da segunda metade do século XIX.

18. Por exemplo, Havelock Ellis começa a sua análise de "homossexuais" com uma lista da "raça" e "linhagem". Veja Somerville, Siobhan, "Scientific Racism and the Invention of the Homosexual Body", *Journal of the History of Sexuality*, vol. 5, nº 2 (1994), pp. 246-66, p. 249.

19. Veja Balfour, Arthur, *Decadence* (Cambridge: CUP, 1908) para um tratado arquetípico sobre o conceito da degeneração. Disponível em <https://archive.org/stream/decadencehenrys01balfgoog#page/n6/mode/2up> (acedido 22/03/16).

20. Braga-Pinto, p. 151.

21. Howes, p. 56.

22. Howes, p. 52.

23. Mello, Celina Moreira de, *Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário* (Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2006), p. 154

24. Citado por Mello, p. 154. Itálicos meus.

25. *Ibid.*, pp. 154-5.

26. Howes, p. 43.

27. Foucault.

28. Howes, Robert, "Concerning the Eccentricities of the Marquis of Valada: Politics, Culture and Homosexuality in Fin-de-Siècle Portugal", *Sexualities*, Vol. 5 (I), pp. 25-48, p. 33.

29. Citado por Mendes, Leonardo, *O Retrato do Imperador: Negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000), p. 28. Mendes afirma que a citação data de 1988, talvez por usar uma nova edição do livro de Pereira, originalmente publicado em 1950.

30. Veja El Far, Alessandra, *Páginas de Sensação* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004).

31. Mendes, pp. 123-143.

32. Veja Foster, p. 15, para uma exploração do utopismo de Bom Crioulo.

33. Veja, por exemplo, Howes, p. 49, Braga-Pinto, pp. 167-9, e Ginway, pp. 47-8.

34. Rhinow, citado por Braga-Pinto, p. 168.

35. Anderson, Benjamin, *Imagined Communities* (Londres: Verso, 2006), p. 7.

36. Ginway, pp. 47-8.
37. Foster, p. 20.
38. Mello, pp. 154-5.
39. Veja, por exemplo, Freeman, Derek et. al., "The Evolutionary Theories of Charles Darwin and Herbert Spencer", *Current Anthropology*, Vol. 15, No. 3 (Setembro de 1974), pp. 211-237, pp. 214-5.
40. Darwin, Charles, *On the Origin of Species* (Oxford: Oxford World Classics, 1996).
41. Eakin, Marshall, "Sílvia Romero, Science, and Social Thought in Late 19th Century Brazil", *Luso-Brazilian Review*, Vol. 22, No. 2 (Inverno de 1985), pp. 151-74, pp. 163-4.
42. *Ibid.*, p. 167.
43. Citado por Arthur Orlando em *Ensaio de Crítica* (São Paulo: Editorial Grijalbo, 1975), p. 86.
44. Mello, p. 153.
45. Veja <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=crioulo>. Acedido 22/3/16.
46. Lisboa, Maria Manuel, "A Mother is a Boy's Best Friend: Birth and Kinslaying in the Brazilian Foundation Novel", *Portuguese Studies*, Vol. 13 (1997), pp. 95-107, p. 98. Tradução minha.
47. Alencar, José de, *Iracema* (São Paulo: Editora Ática, 1985).
48. Lisboa, p. 98.
49. Schwarz, Roberto, "As ideias fora do lugar", em *As ideias fora de lugar: Ensaio selecionados* (São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2014), pp. 47-65.
50. Vieira, Nelson H., *Brasil e Portugal — A Imagem Recíproca (O Mito e a Realidade na Expressão Literária)* (Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991), p. 105.
51. Veja <http://www.priberam.pt/dlpo/bundo> (acedido 05/05/16).
52. Ginway, p. 45.
53. Com efeito, a hipótese da mestiçagem e a política de branqueamento, aparentemente refutadas em *Bom Crioulo*, são o exemplo perfeito da adaptação do lugar às ideias.
54. Howes, p. 53-7, e Mendes, p. 193-4.
55. Bezerra, Carlos Eduardo de Oliveira, *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)* (São Paulo: Editora UNESP), p. 449.
56. Howes, p. 57.
57. Botelho, Abel, *O Barão de Lavos* (Porto: Lello e Irmão, 1982). As referências de páginas remetem a esta edição.
58. Robert Howes, "Race and Transgressive Sexuality...", p. 52.
59. Veja Robert Howes, "Concerning the Eccentricities...", pp. 39-40. Howes descreve tais momentos como apenas "quase subversivos", mas este leitor, sem querer entrar em questões de intenção autoral, encontra o discurso medicinal tão produtivo como é redutor.

60. Veja, por exemplo, Lavos, fim do capítulo XIV (p. 381).

61. Veja Phyllis Margaret Paryas, "Monologism", *Encyclopedia of Contemporary Literary Theory: Approaches, Scholars, Terms*, editado por Irena R. Makaryk (Londres: University of Toronto Press), p. 596.

62. Aleixo, de facto, embora atraído também pelo apoio económico, mostra mais entusiasmo na relação do que Eugénio em Lavos, sendo este interessado apenas em dinheiro. Durante a ausência de Amaro, Aleixo é incapaz de esquecer, pensando frequentemente na sua "musculatura rija" e "natureza extraordinária" (112). Havendo, assim, mais reciprocidade na relação central, Caminha torna-a subtilmente mais legítima, por não provir exclusivamente da desigualdade económica.

63. Alguns críticos da altura, por exemplo, terão sugerido que Botelho escreveu o livro apenas para fazer dinheiro. Veja Howes, "Concerning the Eccentricities..."; p. 33.

64. Veja Lopes-Júnior, Francisco Caetano, "Uma subjectividade outra", *Toward Socio-Criticism: Selected Proceedings of the Conference "Luso-Brazilian Literatures: A Socio-Critical Approach"*, editado e com introdução de Roberto Reis (Tempe, AZ: Center for Latin American Studies, Arizona State University, 1991), pp. 67-75.

65. Mello, p. 153.

66. A influência do épico parece muito possível, uma vez que aparece um barco denominado Luís de Camões, e que leva na proa "uma figura de óleo, que tanto podia ser a do grande épico como a de qualquer outra pessoa barbada" (145). O facto de o olho esquerdo faltar, e não o direito, erro que Amaro não deteta, é mais um sinal de que Caminha tinha ampla consciência das "ideias fora do lugar" no seu país. Veja também Bezerra, p. 384.

67. Aqui gostaria de chamar atenção para o trabalho de Karl Posso sobre a obra de Silviano Santiago e Caio Fernando Abreu, onde identifica uma fragmentação e "indecidibilidade" no discurso como uma estratégia de desafiar e suspender "os termos relacionais pelos quais a sociedade ortodoxa, heterossexista, funciona", perturbando a linearidade e o problemático conflito entre binómios na sociedade heteronormativa. Talvez este processo encontre um precedente em Bom Crioulo, visto que repensamos aqui a ideia das "contradições" no livro para apontar para um discurso verdadeiramente crioulo, em que nenhum sistema epistemológico se mostra completo, sendo estes, ao contrário, fragmentados e impregnados com a voz do outro. Desta forma, o livro antes rejeita um nexos inteiro de estruturas de poder, que o discurso homofóbico em si. Veja Posso, Karl, *Artimanhas da sedução: homossexualidade e exílio* (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009), p. 234.

obras citadas

- Alencar, José de. *Iracema*. São Paulo: Editora Ática, 1975. Impresso.
- Anderson, Benjamin. *Imagined Communities*. London: Verso, 2006. Impresso.
- Andrade, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. Web <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>.
- Balfour, Arthur. *Decadence*. Cambridge: CUP, 1908. Impresso.
- Bezerra, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: Um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Impresso.
- Botelho, Abel. *O Barão de Lavos*. Porto: Lello e Irmão, 1982. Impresso.
- Braga-Pinto, César. "Othello's Pathologies: Reading Adolfo Caminha with Lombroso." *Comparative Literature* 66.2 (2014): 149-72. Impresso.
- Caminha, Adolfo. *Bom Crioulo*. Lisboa: Sistema Solar, 2014. Impresso.
- . *Bom-Crioulo: The Black Man and the Cabin Boy*. Trans. Lacey, E. A. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1994. Impresso.
- Darwin, Charles. *On the Origin of Species*. Oxford: Oxford World Classics, 1996. Impresso.
- Eakin, Marshal. "Sílvio Romero, Science, and Social Thought in Late 19th Century Brazil." *Luso-Brazilian Review* 22.2 (1985): 151-74. Impresso.
- Far, El. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Impresso.
- Foster, David William. "Adolfo Caminha's *Bom-Crioulo*: A Founding Text of Brazilian Gay Literature." *Gay and Lesbian Themes in Latin American Writing*. Austin: University of Texas Press, 1991. Impresso.
- Foucault, Michel. *The History of Sexuality*. Trans. Hurley, Robert. Vol. I: *The Will to Know*. London: Random House, 1979. Impresso.
- Derek Freeman, et al. "The Evolutionary Theories of Charles Darwin and Herbert Spencer [and Comments and Replies]." *Current Anthropology* 15.3 (1974): 211-37. Impresso.
- Ginway, Elizabeth. "Nation Building and Heroic Undoing: Myth and Ideology in *Bom-Crioulo*." *Modern Language Studies* 28.3, 4 (1998): 41-56. Impresso.
- Howes, Robert. "Concerning the Eccentricities of the Marquis of Valada: Politics, Culture and Homosexuality in Fin-De-Siècle Portugal." *Sexualities* 5.1 (2002): 25-48. Impresso.
- Krafft-Ebing, Richard. *Psychopathia Sexualis*. Charleston, SC: Nabu Press, 2010. Impresso.
- Lisboa, Maria Manuel. "A Mother Is a Boy's Best Friend: Birth and Kinslaying in the Brazilian Foundation Novel." *Portuguese Studies* 13 (1997): 95-107. Impresso.
- Lopes-Júnior, Francisco Caetano. "Uma subjectividade outra." *Toward Socio-Criticism: Selected Proceedings of the Conference "Luso-Brazilian Literatures: A Socio-Critical Approach"*. Ed. Reis, Roberto. Tempe, AZ: Arizona State University, 1991. 67-75. Impresso.

- Mazzei, Cristiano. "How Adolfo Caminha's Bom-Crioulo Was 'Outed' through its Translated Paratext." *A Companion to Translation Studies*. Ed. Porter, Sandra Bermann e Catherine. Chichester, UK: Wiley & Sons, 2014. 310-22. Impresso.
- Mello, Celina Moreira de. *Crítica e movimentos estéticos: Configurações discursivas do campo literário*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2006. Impresso.
- Mendes, Leonardo. *O retrato do imperador: Negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. Impresso.
- Orlando, Arthur. *Ensaio de crítica*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1975. Impresso.
- Paryas, Margaret Phyllis. "Monologism." *Encyclopedia of Contemporary Literary Theory: Approaches, Scholars, Terms*. Ed. Makaryk, Irena Rima. London: University of Toronto Press, 1994. 596. Impresso.
- Posso, Karl. *Artimanhas da sedução: Homossexualidade e exílio*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. Impresso.
- Santiago, Silviano. *Uma Literatura Nos Trópicos: Ensaio sobre dependência cultural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. Impresso.
- Schwarz, Roberto. "As ideias fora do lugar." *As ideias fora de lugar: Ensaio selecionados. Grandes Ideias*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2014. 47-65. Impresso.
- Somerville, Siobhan. "Scientific Racism and the Invention of the Homosexual Body." *Journal of the History of Sexuality* 5.2 (1994): 246-66. Impresso.
- Vieira, Nelson H. *Brasil e Portugal — a imagem recíproca (o mito e a realidade na expressão literária)*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991. Impresso.
- White, David. "Crítica de Bom-Crioulo: The Black Man and the Cabin Boy." *Library Journal* 107.17 (1982). Impresso.

david j. bailey is Lecturer in Portuguese Cultural Studies at the University of Manchester. He is currently completing his PhD thesis at the University of Cambridge with the title "Naturalism Against Nature: Kinship and Degeneracy in Fin-de-siècle Portugal and Brazil." His article-length study of *Eça de Queirós* was published in the *Modern Language Review* in April 2016. His research interests include the nineteenth-century novel, representations of the modern city, postcolonial and transatlantic studies, and intersectional approaches to queer studies.